

# Realismo Socialista

## programa para rádio

Voz 1: Não me sinto capaz de fazer um programa muito apropriado, então mando ver um programa mesmo que inapropriado. Falar sobre o Realismo Socialista é muito difícil. O Realismo Socialista abrange um campo de singularidades muito amplo, complexo. Às vezes sob o rótulo de Realismo Socialista, a gente está querendo se referir a determinado aspecto... e na verdade está falando de outro. Por isso mesmo é que (aparentemente) é muito fácil falar sobre o Realismo Socialista. Todo o mundo que eu conheço, geralmente, fala com muita facilidade, mas não é difícil verificar que não funciona. Ainda há pouco, no arado que <sup>me</sup> trouxe aqui, minha vizinha de poltrona, a Débora, me disse quase que textualmente, após eu haver lhe contado sobre minha apreensão com respeito a este programa: Fale concretamente, Willy, diga a qual que é mesmo, e não use os clichês que todo mundo emprega quando fala sobre o Realismo Socialista... tente ser claro e diga o que realmente é, agora, sem deixar de falar mal dos vermelhos, claro! Por exemplo: não dá mais pra misturar Comunismo e Nazismo e dizer que as artes deles são iguais, isto não dá mais... Todos sabemos, a final de contas, que Hitler foi o maior gênio da política burguesa e que o Nazismo foi e continua sendo um fenômeno capitalista. E que o Realismo Socialista não tem nada a ver com o Capitalismo, logo: não tem nada a ver com o Nazismo. Isto já está muito batido. Então esse tipo de mistura apressada de Hitler e Stalin, não engana

mais ninguém. Ninguém te levará a sério. [pausa] (2)  
Ponderando, achei melhor que os Comunistas, eles mes-  
mos dissessem o que é o Realismo Socialista  
e que eu investisse mais nos COMENTÁRIOS: o que  
me deixa mais à vontade para derrubar as  
teses dos Vermelhos sem incorrer no risco de  
tanta estupidez - como bem a propósito se  
manifestou a Srta Débora - referindo-se ao  
uso corrente (em nosso meio, em nossa "media")  
no trato desta questão que nos ocupa.

Loc: Os textos que ouviremos a seguir são de autoria  
de Andrei Alexandrovitch Jdanov, citados de  
seu livro "Sobre a Literatura, a Filosofia e  
a Música".

Jdanov nasceu Mariupol, Ucrânia, em 1896 e  
faleceu em Moscou, em 1948). Auxiliar de  
Stalin, entrou para o POLITBURO em 1939  
e teve papel importante na política estran-  
geira. Secretário do Comitê Central do Parti-  
do Comunista, lutou contra os "desvios bur-  
gueses", e estrangeiros em geral, nas Letras  
e nas Artes

Voz 2: "Nossa arte soviética não teme ser acusa-  
da de tendenciosa. Sim a arte soviética é tendenciosa;  
porque não existe e não pode existir na época da  
luta de classes arte que não seja arte de classe,  
que não seja tendenciosa, que seja apolítica.

O Realismo Socialista quer dizer, de fato, conhecer  
a vida a fim de poder representá-la verídica-  
mente nas obras de arte, representá-la não de  
maneira escolástica, morta, não simplesmente  
como a realidade objetiva, mas representar a

realidade em seu desenvolvimento revolucionário. (3)

É aí, a verdade e o caráter histórico concreto da representação artística deve se unir à tarefa de transformação ideológica e de educação dos trabalhadores dentro do espírito do Socialismo.

Voz 1: Ha Ha Ha (rindo com mofo): Ai está, Sr. Idanov, puro maniqueísmo! Fácil! Fácil de desmascará-lo... Isto significa que: muito unilateralmente vocês só se movem dentro do que o Sr. chamou de "espírito do Socialismo". E que este espírito é tão pobre que não acomoda um artista metafísico, uma música Estocástica, a generalização da série, não há horizonte para as civilizações do "pointillisme", para as estruturas multi-fácies...

Loc: Ouvimos a seguir, queridos ouvintes, nós que trilhamos a modernidade, algo da Sinfonia op 21 de Anton Webern, com a qual os russos não se beneficiaram

Tec: Sinfonia op 21 de Webern (I mov)

Voz 2: Nós somos partidários de uma música que satisfaça as necessidades estéticas e os gostos artísticos dos soviéticos. E o gosto e as necessidades dos soviéticos tem crescido muito. Em nossa sociedade, a música, o balé, as artes fazem parte da atividade das grandes massas. Em nossa sociedade não se coloca a questão de poucos eleitos. O povo aprecia o talento de uma obra musical na medida em que ela reflete profundamente o espírito de nossa época, o espírito de nosso povo, e na medida em que ela é

acessível às grandes massas.

(4)

Loc: De Shostakovich, "A Canção das Florestas"

Tec: a 2ª canção: "Adornaremos nossa terra com florestas"

Voz 1: Então, isto quer dizer que um artista como eu, que trabalho com sutilezas, com os detalhes raros, os biscoitos finos e arabescos, filigranas, que penso a linguagem e o compromisso com o seu desenvolvimento intrínseco, [alterando a voz]: Então: não temos lugar nas instituições soviéticas? [tom de deboche]

respeito

Voz 2: "Se as instituições soviéticas não satisfazem a determinado artista, que é o que se pode fazer: se adaptar a este artista? Não creio que devamos nos transformar de acordo com o gosto deste artista. Não vamos transformar a nossa maneira de ver o mundo, o nosso regime de acordo com a ótica dele. ÉLE é quem tem que se transformar, e se ele não quer, que se vá. A arte soviética não tem lugar para obras apodrecidas, vazias de idéias e triviais"

Voz 1: [tranquilamente, em tom de superioridade]: Mas o Sr. não acredita que estas obras apodrecidas, vazias de idéias e triviais, como o Sr. afirma, serão que um dia: daqui a 50, 100 anos, não serão apreciadas? Que a vanguarda de hoje produz o dia-a-dia de amanhã?

Tec: música sobe para 1º plano: fragmento de VISAGE de Berio (tempo) - Música em para b.g. enquanto o locutor anuncia

Loc: Estamos ouvindo "VISAGE" de Luciano Berio,

atendendo a insistentes pedidos de nossos ouvintes. (5)

Tec: música sobe para 1º plano. Tempo... e após  
fade out  
+ quente

Voz 2: É assustadora esta questão que alguns compositores <sup>(até)</sup> soviéticos se colocam ilusoriamente de "Nos compreenderão em 50 ou 100 anos"... ou: "Se nossos contemporâneos não podem nos compreender, a posteridade nos compreenderá". Se você está acostumado com este pensamento, um tal hábito é extremamente perigoso.

X Tais afirmações significam que a gente já se afastou do povo

Permita-me passar à questão das relações entre a música nacional e a música estrangeira. Alguns camaradas disseram, e com razão, que se constata um embasbacamento e mesmo uma aproximação da orientação da música burguesa ocidental contemporânea, em direção à música da decadência. Este é, aliás, um dos traços fundamentais da orientação formalista na música soviética. É absurdo e ridículo o servilismo diante de uma tal música.

Voz 1: O Sr. fala de modo muito grosseiro sobre a nossa música. [Ofendido]: O Sr. não separa o joio do trigo!... Tudo o que se faz no ocidente (para o Sr.) merece rótulos de formalista, de ante apodrecida, de vagia de idéias. Permita-me, Sr. Idanov, um exemplo prático, DIALETICO como vocês tanto se jactam de dizer que fazem. Quero o fenezer para o Sr., mas também para o julgamento dos ouvintes que nos escutam em

sens takes, uma obra para piano de um dos <sup>(6)</sup> nossos mais criativos compositores da atualidade: Karlheinz Stockhausen!

Apenas quero chamar a atenção - confiante que sou na inteligência e sensibilidade dos ouvintes: que atentem para a mobilidade com que se movem os EIXOS DE VARIAÇÃO de cada 1 dos 18 fragmentos.

Inexorados ouvintes (em tom intimista, invocando simpatias): É importante que ofereçamos o nosso tapa na face do Sr. Idanov, com esta luva da mais fina pelica ocidental. Daí que ouviremos a obra inteira, sem cortes, e estou seguro de que após ouvi-la teremos escutado uma obra-prima perene em sua manifestação do NOVO e da VANGUARDA!

Loc: De KARLHEINZ Stockhausen, o Klavierstück XI na execução de Alois Kontarski.

Apoio: Casa das Pelicas, Rua Peso Mexicano N° 995

Tec: Escuta integral da obra anunciada.

Voz1: Tenho a certeza de que diante da INOVAÇÃO desta obra, os nossos ouvintes compreenderam toda a velhice e engeçca das argumentações do Sr. Idanov.

Voz2: [Imperturbável]: Me parece que os porta-estandartes da tendência formalista utilizam a palavra INOVAÇÃO com fins de propaganda. Não há razão para se aceitar que algo seja melhor porque se diz que é Novo... Ou a música se torna uma conversa do compositor

consigo mesmo? Mas então por que impor esta (7) música ao povo? Esta música se torna anti-popular, estreitamente individualista, e o povo tem o direito de se tornar, e se torna (com efeito) indiferente ao seu destino."

Voz 1: Isto quem dizem que o Sr. aprova a indiferença (que também existe aqui no ocidente) com que o artista é tratado pelo público? O fato do artista oferecer obras de qualidade, de colocar à disposição das massas o biscoito fino que fabrica, é isto o que merece as costas do público?? [tom]  
Em vez de um pensamento musical como o CÂNON de Webern - o artista traíndo-se a si próprio, deveria oferecer ao público açúcar candij e acordes bombásticos do Realismo Socialista?

Loc: De Anton Webern o N.º 1 dos CÂNONES op 16

tec: Webern op 16 n.º 1

Voz 2: E fetivamente vivemos no centro de uma luta muito aguda, embora velada, na superfície entre 2 tendências. Uma representa na música soviética uma base sadia, progressista, fundada no reconhecimento do grande papel representado pela herança clássica e, em particular pelas tradições da música russa: de uma criação musical constante e de alta maestria profissional, que o povo sempre escuta com prazer.  
A segunda tendência expressa um formalismo estranho à arte soviética - o rechaço da herança clássica sob a falsa cobertura da NOVIDADE, de rejeição do caráter popular da música, a recusa de servir ao povo, isto tudo

em benefício de emoções estritamente individuais <sup>(8)</sup>  
de um grupinho de estetas eleitos...

Que passo atrás dão novos formalistas, fora da grande via de nossa história musical quando solapam as bases da verdadeira música. Eles compõem coisas monstruosas, artificiais, plenas de impressões idealistas estrangeiras: ~~para as grandes massas do povo~~, se dirigindo NÃO aos milhões de soviéticos, mas a algumas dezenas de eleitos, a uma elite.

LOC: Como exemplo musical, no quadro do Realismo Socialista, escutemos Canto da Alegria, cantata de Prokofiev.

LOC: execução integral da obra

Voz 1: [sufregamente, impaciente]: É assim que eles falam, é assim que os vermelhos tentam enganar

Voz NOVA: [interrompendo]: Um momento Sr. Willy, não é sua vez de falar ainda, pois está programado outro exemplo musical

LOC: Lamentamos o incidente, digo a interrupção, e continuando com a programação, escutaremos fragmento de uma obra igualmente representativa do Realismo Socialista:

De

Voz 1: [com mais calma]: É assim que eles falam, é assim que eles - os vermelhos - tentam enganar vocês. Mas vocês que escutaram Stockhausen, Webern,

representar  
o copo

e habituados que estão com toda a pleiade (9) de nossa INTELIGÊNCIA musical (na qual muito modestamente me incluo) vocês acham que devemos nos re-baixar para oferecer mistelas? A vocês? Hein??

Muito tranculentos os vermelhos... Exibo para vocês o caso do pintor soviético Boris Ioganson, típico representante do Realismo Socialista.

Loc: Em 1935, o artista ocupava-se com a coleta de material para a sua tela: "Numa fábrica dos Urais dos velhos tempos." Ele lia muito sobre os Urais dos tempos de DEMIDOV, e visitou SVERDLÓVSK, ZLATOUST e CHELIABINSK. Assim se manifestou o próprio artista sobre o quadro que pintou:

Voz 3: Eu andava à procura de um velho prédio de fábrica que tivesse escapado de reformas e melhoramentos. Encontrei um exatamente assim. Uma sombria estrutura de tijolos com pequenas janelas e grossas paredes escuras que parecia uma prisão. Encontrei um antigo operário que me contou como eles costumavam trabalhar na velha fábrica. Foi então que o quadro começou a se formar na minha imaginação. Eu vi com os olhos da mente as figuras do proprietário, do capataz, e trabalhadores - diferentes tipos deles. A idéia que eu queria passar através destes personagens <sup>tinham</sup> o que ver com as relações entre capitalistas e trabalhadores, o horror de exploração, e o despertar do proletariado. Gradualmente o tema foi se cristalizando

em uma história. Na velha fábrica, a fundição (10) está sendo vistóriaada pelo proprietário e seu capataz. Este, apontando para um trabalhador, cochiche ao ouvido do proprietário: "Este aí é um dos que armam confusão." A figura do trabalhador forma o centro da composição. O homem já sabe o que deve esperar do patrão. O trabalhador tem a atitude de quem se opõe ao patrão e de quem apela para que os camaradas o acompanhem. Tentarei reverter a imagem de toda a força possível - de todo o poder do povo que estava para realizar os grandes sonhos da Revolução.

A solução composicional do quadro não me ocorreu de uma vez: raramente isto me acontece assim. Parece que a busca de uma composição que deve incorporar o conceito do quadro com a maior clareza, requer um esforço enorme por parte do pintor. As formas e cores devem ser distribuídas de tal maneira que produzam um apelo em torno do centro de interesse preciso. A visão de quem olha o quadro ao ver o todo, deve se mover na direção prescrita pelo pintor e atingir exatamente o que pre-ordenado pelo pintor.

No meu primeiro esboço para o quadro, o capitalista parecia muito impressionado: talvez que ele estivesse muito firme em suas próprias pernas. Decidi então fazê-lo se apoiar sobre uma bengala; isto fez com que sua figura tivesse menos firmeza. Um toque de incerteza foi, então, adicionada à imagem. Mas por outro lado a figura do trabalhador está firmemente balanceada. Ele está sentado no chão, sim, mas sua atitude permite que ele se levante em um instante,

11  
como se se tratasse de uma potente mola. Embora ele esteja mais em baixo na composição de que o proprietário, sua energia interior e sua própria postura criam um sentimento de força e firmeza. O trabalhador está repleto de força latente: ele pode se levantar e trazer os outros com ele!

Gringo: [com sotaque acentuado e irritabilidade]: Tenho alergia com esses comunistas. Me dá um comichão, um cosseira, como dizem Nelson Ned aqui no T.V. Eles não gosta de nós, nós não gosta deles. É como o sociedade deles: é contra de nós, do ECONOMIA DE MERCADO, do MODERNIDADE, da LIBERDADE que nósso de comer no bistrô de Paris no home que tem vontade, eu.

VOZES: [simultâneas]: Calma Calma Calma Calma, estamos no ar. É um programa de rádio, etc.

Voz 1: Peço muitas desculpas aos ouvintes por esta ocorrência. Mas o Dr. Nestle estava presente só como observador, não era para tomar parte no programa. Ele veio até aqui a pedido do nosso amigo, o Consul STRANG.

Gringo: Sorry! I'm sorry I didn't mean to, but it was irritating...

Voz 1: Ele pede desculpas; ele não tinha intenção, mas, no fundo, ele exprimiu bem o que todos nós: das modernas sociedades de CONSUMO, DA ECONOMIA DE MERCADO, da MODERNIDADE, o que sentimos diante do Realismo Socialista: IRRITAÇÃO. Basta por hoje. Obrigado!